

Entrevista com Fernando Russell Hardin*

Por Cristina Buarque** e Fernando Lattman-Weltman***

Transcrição e tradução por Thiago Nasser

Revisão da tradução por Cristina Buarque e Fernando Lattman-Weltman

* Russell Hardin

é professor no Departamento de Ciência Política da New York University. Antes de se transferir em definitivo para Nova Iorque, em 1993 – quando participou do processo de reestruturação daquele departamento – lecionou em universidades como as de Chicago, Stanford (Califórnia), Maryland, Virgínia e Pensilvânia. Foi também editor da prestigiosa revista acadêmica *Ethics*. Quando estudante, dedicou-se à física e principalmente à matemática e levou contribuições destas ciências para sua reflexão teórica em ciência política, em que se destaca pela elegância e pelo bom humor para tratar de alguns dos mais intrigantes paradoxos lógicos do comportamento político contemporâneo. Entre suas obras encontram-se os volumes *Indeterminacy and society*, *Trust and trustworthiness*, *Liberalism, constitutionalism and democracy*, e *Collective Action*. Uma de suas mais interessantes contribuições se refere ao papel fundamental que reserva à aquiescência e a processos ordinários de coordenação para o funcionamento cotidiano da vida democrática moderna.

** Cristina Buarque

é professora de ciência política da Universidade Federal do Rio de Janeiro

*** Fernando Lattman-Weltman

é professor de ciência política do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas.

Conhecemos Russel Hardin em janeiro de 2012, em um curso sobre democracia contemporânea ministrado para alunos de pós-graduação do Departamento de Ciência Política da Universidade de Nova Iorque. Num estilo interrogativo, que podia ser desconcertante, de tão simples e direto, Hardin transitava entre autores clássicos, como John Locke e Stuart Mill, e intérpretes contemporâneos da cena política norte-americana, como Stimson, Berle e Means. Extraía de cada um deles subsídios que compunham sua própria reflexão, sempre atento à observação das circunstâncias e suas possíveis derivações teóricas.

Sob a forte impressão causada por suas aulas, tivemos a ideia desta entrevista, que deveria recuperar fatos e temas marcantes da sua biografia intelectual. Hardin nos recebeu para esta entrevista, com a simpatia e a amabilidade de sempre, numa tarde da primavera de 2012, num dos edifícios da Universidade de Nova Iorque na Washington Square.

De início, conduzimos o entrevistado a apresentar seu percurso profissional da matemática à política e, anos depois, à Universidade de Nova Iorque, instituição a que hoje se dedica exclusivamente. A fala sobre caminhos profissionais vem entremeada ao comentário sobre temas e autores que o mobilizam intelectualmente, seja por afinidade ou antagonismo de percepções. Entre as alusões elogiosas, o protagonismo é de Mancur Olson, autor que teria o mérito de ter conduzido o tema da ação coletiva à ciência política, à sociologia e à psicologia social, alargando suas fronteiras disciplinares. Já no repertório de diferenças intelectuais figura o contratualismo, tido por Hardin como uma má metáfora, incapaz de descrição eficiente da vida política uma vez que a rotina da vida sob governos não repousa em expectativas morais associadas a contratos. Nas dinâmicas da vida pública, para Hardin, o acento recai sobre os eventos de aquiescência, que se distinguem do consentimento por sua forma passiva.

De volta ao tema da ação coletiva, indagamos ainda sobre as possíveis interferências da história, da cultura e da moralidade nas motivações dos indivíduos. Em seguida, tratamos das relações entre política e conhecimento e, enfim, sobre suas expectativas em relação à democracia nos Estados Unidos. Embalado pelo contexto da última corrida eleitoral norte-americana, quando esta entrevista foi conduzida, Hardin acusa as práticas de campanha de Mitt Romney e lamenta o tempo longo do processo eleitoral norte-americano, entre outros aspectos formais, deletérios ao princípio democrático. Por fim, comenta ainda a constituição norte-americana e ensaia comparação com outras peças constitucionais.

Cristina Buarque

Bem, Prof. Hardin, muito obrigada por esta oportunidade.

Russell Hardin

Ah, é um prazer.

Cristina Buarque

Nós agradecemos sua disponibilidade. Bem, para começar, nós gostaríamos de falar um pouco sobre sua biografia acadêmica. Sabemos que o senhor tem um doutorado em ciências sociais pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), mas o senhor tem também dois diplomas de graduação, em matemática e física....

Russell Hardin

Na verdade são três.

Cristina Buarque

9

Três! É mesmo?!

Russell Hardin

Dois em Matemática, um em Física, sim. Mas o período em Oxford rendeu um diploma distinto.

Cristina Buarque

Ok, então se o senhor puder comentar um pouco sobre esta transição para estudos políticos...

Russell Hardin

Claro. A coisa mais importante na época era a guerra do Vietnã, que foi desastrosa, claro, para as universidades americanas. E eu comecei a achar que estava fazendo a coisa errada ao estar estudando matemática e física naquela época. E na verdade eu trabalhava em projetos na *Texas Instruments*, que era uma das empresas de eletrônica de destaque que trabalhavam para o Departamento de Defesa. E eu não gostava disso, portanto resolvi largar a física. Matemática continuei um pouquinho porque a matemática que eu fazia era a chamada teoria topológica de conjuntos, e esta é uma parte muito bonita da matemática, a parte mais bonita da matemática. Muitas coisas grandiosas saem desta área. E então foi isso o que eu fiz por um tempo, e depois me desloquei totalmente para ciência política.

No início achei que não haveria nenhum uso para todo esse conhecimento na ciência política, mas de fato imediatamente eu fiz uma disciplina que empregava a teoria dos jogos, e a teoria dos jogos pode ser concebida como um tipo secundário de teoria topológica de conjuntos, o que para mim era fácil, trivial. Muito mais fácil do que matemática (risos). Fiz muita coisa a partir disso, e me diverti bastante. E daí acabei fazendo só isso ao invés de voltar para a matemática ou para a física.

Fernando Lattman-Weltman

E seus primeiros trabalhos em Ciência Política nos anos 1970 estão principalmente preocupados com questões sobre ação coletiva. O livro de Olson foi [re]publicado recentemente. Como o senhor avalia, atualmente, quase 50 anos depois, os potenciais limites desta teoria em produzir explicações?

Russell Hardin

No momento estou revisando meu livro, "Ação Coletiva", para atualizá-lo de diversas formas, mas também para acrescentar outra abordagem da ação coletiva, que é a coordenação das pessoas em torno de um objetivo particular ao invés da ação conjunta, no sentido de que "se você agir, eu vou agir". Então é como uma troca, e a minha visão agora é a de que a coordenação é muito mais importante, então [o livro] vai nos instigar principalmente em relação a isso, para em seguida retomar o argumento de Olson em relação à lógica da ação coletiva. Foi muito inteligente da parte dele intitular seu livro assim porque naquela época havia uma literatura sobre as questões de ação coletiva, o chamado "problema do caroneiro [*free rider*]". Era sobre o fato de que você pode tirar vantagem das ações de outras pessoas que cooperam entre si, sem necessariamente dar uma contribuição sua. Mas o foco dele na ação coletiva tornou-a parte das ciências sociais em âmbito mais geral; cientistas políticos, sociólogos, psicólogos sociais, e mesmo alguns filósofos – se bem que poucos – começaram a estudar teoria dos jogos. Antes

disso eles simplesmente nunca teriam começado, [isso] a análise do problema do *free rider* teria acontecido em departamentos de economia. Portanto, Olson prestou um grande serviço, não só com o livro que ele escreveu, mas também com a influência que ele teve no que nós fizemos por aí, e eu acho que ele foi provavelmente uma daquelas pessoas que nunca ganhou o prêmio Nobel, mas poderia ter ganhado... pode-se imaginar que teria, em circunstâncias diferentes. Mas ele foi muito influente e adoro aquele livro. Eu fiz uma disciplina na Universidade do Texas que era um seminário de pós-graduação no qual a cada semana – éramos somente seis – a cada semana, cada um de nós pegava um dos livros de... um conjunto de cerca de doze ou quinze livros, e na sessão seguinte argumentávamos, a partir do livro que estivéssemos lendo, com respeito a qualquer que fosse o tema em questão no momento e... claro... Então, antes de cada vez, o professor dizia “o livro é sobre isto”, para dar uma idéia se queríamos ler aquele livro ou não, e uma vez ele delineou rapidamente o conceito de ação coletiva, e eu disse “ah, isto é simplesmente o dilema do prisioneiro”, e ele disse “não é, não tem nada a ver com isso”, e ele ficou bastante bravo. E no entanto era.... um dilema de prisioneiro... e foi muito interessante notar como era fácil para algumas pessoas... – economistas – lidar com isso, e matemáticos... e como era difícil para outras – sociólogos e especialmente filósofos, que ainda hoje em dia quase não o fazem, com exceção de pessoas com especialização, como David Lewis. Mas a vasta maioria dos filósofos que trabalham com alguma coisa neste sentido não usam a lógica dos argumentos de ação coletiva.

10

Fernando Lattman-Weltman

Por que é tão difícil para sociólogos e cientistas políticos desta tradição lidar com esse tipo de literatura, na sua opinião?

Russell Hardin

Esta é de fato uma pergunta muito boa. Eu já pensei muito sobre isso, e também me perguntei por que haveria tanta dificuldade. Acho que é provavelmente verdade que a maioria dessas pessoas simplesmente não estão de forma alguma focadas nestas questões, e com isso passam a temê-las genuinamente. Eu frequentei aqui durante muitos anos um ótimo seminário, na Escola de Direito, sempre liderado por duas pessoas. Digamos que você apresentaria um artigo naquela semana – um deles iria apresentá-lo para você e o outro criticaria aquela pessoa, e você finalmente teria a chance de falar e criticar ambos. Uma vez eles fizeram uma sessão com Edna Ullmann-Margalit que não era muito boa em teoria dos jogos, ela fazia um pouco de teoria dos jogos, teoria dos jogos descritiva – pode-se chamar assim – e os dois líderes disseram que iriam ficar de fora daquela vez, e saíram da mesa de centro e sentaram em cadeiras afastadas do grupo central. E ali estavam intelectuais de classe mundial! Pessoas brilhantes, e ainda assim elas não conseguiam lidar com a forma mais simples de teoria dos jogos! Eu fiquei simplesmente abismado. Eu não sabia o que dizer... (risos)... e provavelmente ela não sabia mesmo o que dizer.... mas ela fez um ótimo trabalho em apresentar algo para qualquer um que tivesse a mente mais ou menos aberta e estivesse disposto a forçar um pouquinho a lógica. Estas pessoas teriam extraído grande proveito de sua apresentação.

Cristina Buarque

Em um artigo publicado nos anos 1990, chamado “Contractarianism: Wistful Thinking”¹, o senhor se referiu ao contratualismo como uma metáfora pobre. O senhor poderia comentar sobre isso?

Russell Hardin

11

Sim, isso é realmente importante. É muito perspicaz da sua parte apontar para esse artigo. Ele foi publicado em uma revista sobre Constitucionalismo, que havia sido criada talvez cinco anos antes. Nela, economistas, em sua maioria, escreviam sobre assuntos gerais, e quase todo mundo que contribuía [para a revista] dizia que estava fazendo teoria contratualista, e eu dizia que eles não podiam estar fazendo teoria do contratualismo porque, em um contrato, parte do que ocorre é: “eu tenho a expectativa moral de que você faça sua parte, que você honre sua parte do contrato.” Não é isso o que está acontecendo em sociedades de grande escala. Você não está sendo moralmente obrigado a fazer o que o governo diz ou algo assim. Você simplesmente é obrigado de maneiras bastante firmes, logo acho que chamar isso de contratualismo é uma metáfora ruim, sendo que algo como constitucionalismo seria do ponto de vista descritivo mais preciso do que contratualismo. Isso não vai sumir, entretanto.... esta é a forma padrão. Por exemplo, é a forma padrão que dita como os filósofos percebem estas questões. Então a maior parte do que eles escrevem sobre constituições acaba não sendo relevante. Se meu ponto de vista estiver correto, e muitas outras pessoas compartilham deste ponto de vista, é tudo uma questão de convenções, coordenação, e assim em diante.

Fernando Lattman-Weltman

Mas por que, por exemplo, os chamados contratualistas não podiam escapar do uso desta metáfora naquela época?

Russell Hardin

Eles foram simplesmente convencidos de que esse era o caminho e acho que estavam errados, mas isto realmente limitou sua contribuição para o debate, e foi uma pena. De fato eram muito inteligentes, muitos deles, mas estavam fazendo algo que passava ao largo do alvo. Simplesmente não era sobre a questão de que estamos tratando. É. Pergunta bastante difícil. Parte do problema é que eles provavelmente nunca fizeram um curso de matemática. Você podia se formar em Harvard, por exemplo, sem nunca ter feito uma disciplina sequer em matemática, nem mesmo cálculo introdutório, e certamente sem ter feito teoria dos jogos, ou teoria topológica de conjuntos ou qualquer uma dessas coisas. Mas na Universidade do Texas ou na Universidade do Arizona você não podia escapar de fazer um curso de matemática, você precisava fazer um como parte dos requisitos para a maioria das graduações das *liberal arts* [humanas] ou de ciências sociais. Mas você não sairia com tanta bagagem, e mesmo assim não teria como ser muito bom nisso tendo apenas tomado algumas aulas, mas de todo modo você seria bem melhor do que as pessoas que tinham estudado em Harvard e nunca fizeram nada disso.

Tive um aluno na Universidade de Maryland que havia se formado em Harvard, e ele tinha que fazer muito esforço para alcançar o nível dos alunos da Universidade de Maryland, que é uma instituição muita fraca em comparação a Harvard. Ainda assim os alunos de lá tinham dificuldade em se tornar competentes e se sentir à vontade para lidar com teoria dos jogos ou qualquer uma dessas coisas. Eles podiam até ter feito estatística. Então se você for a um departamento de ciência política, vai encontrar provavelmente um quarto dos alunos – alunos de pós-graduação – fazendo análise estatística, mas isto é muito mecânico, e não requer muito raciocínio. Portanto isso atrapalhou e limitou o que eles poderiam ter feito, ou o que eles poderiam tentar explicar, o fato de que eles não podiam usar nada além da metáfora de contratos.

Um de meus livros foi avaliado por um advogado, e havia duas colunas no seu parecer. A primeira coluna apresentava o meu argumento sobre o constitucionalismo como sendo, na realidade, um mecanismo de coordenação ou aquiescência. Esta primeira parte do parecer delineava o argumento. A segunda parte, uma coluna inteira, dizia que todo mundo sabe que aquilo estava errado, que é um contrato! É simplesmente inconcebível sustentar um discurso acadêmico de verdade desta maneira, mas nós o fazemos.

Fernando Lattman-Weltman

O senhor poderia tecer alguns comentários a respeito da sua experiência como editor da *Ethics Journal*?

Russell Hardin

Tratava-se de umas das mais antigas revistas de filosofia do mundo, e de longe a mais antiga sobre Ética, ou especializada nisso. Havia sido criada em torno de 1890, pela Sociedade de Cultura Ética (*Ethical Culture Society*), como uma revista própria, e depois passou para uma editora universitária durante uma ou duas décadas, e depois [a edição] passou para a Universidade de Chicago, e perguntaram a um colega meu, Brian Barry, se valia a pena salvar a revista, porque ela havia se deteriorado muito e a qualidade dos textos não era boa mesmo. Havia uma pessoa, como editor, que fazia tudo, e isto o estava matando, e ele tinha armários de arquivo cheios de artigos sobre os quais ele ainda não havia tomado decisões, e daí o Brian aceitou ser editor, e me convidou para ser editor-associado.

Os primeiros três anos consistiram basicamente em escrever cartas de rejeição muito breves para a maioria daqueles artigos, e então mandar os outros para parecer, e em filosofia naquela época nós éramos a única revista que adotava o sistema de pareceristas anônimos. Nós mandávamos o artigo para [o revisor], e [o revisor] não sabia quem o havia escrito, e [o revisor] fazia comentários e nos enviava de volta, e então nós enviávamos para o autor, e o autor não sabia quem havia comentado.

Cristina Buarque

Desculpe, quando foi isso?

Russell Hardin

Assumimos o comando da edição da revista em 1979 e o fizemos por muito tempo. Brian durante apenas três anos, mas eu continuei por uma década depois disso. Era uma coisa maravilhosa. Uma revista como a *Ethics* se situa bem no centro da filosofia legal, moral e política. Editando uma revista assim você sabe onde a disciplina está, quando ela vai mal e onde ela está bem porque você enxerga tudo. E precisa tomar decisões. Gostei muito de fazer isso neste sentido, aprendi muitíssimo, não necessariamente sobre as resoluções de questões em ética ou filosofia política contemporânea ou o que for, mas sim sobre o que as pessoas por aí afora estão fazendo e o que estão pensando a respeito destes assuntos. Foi ótimo, mas demandava muito tempo.

Fernando Lattman-Weltman

Não é um pouco irônico que um cientista político edite uma revista sobre ética?

Russell Hardin

Exceto pelo fato de que o sub-título da revista era “Revista Internacional para o Estudo de Política, Filosofia, Economia e Direito” (*International Journal for the Study of Politics, Philosophy, Economics and Law*). Era basicamente uma revista interdisciplinar, a única

assim naquela época, e era realmente distinta. Imagina: se você trabalhava um pouco com teoria dos jogos e um pouco com sociologia, e um pouco com psicologia social, num artigo primordialmente versando sobre uma discussão filosófica, nós o consideraríamos e possivelmente o publicaríamos, sem dizer “você precisa descartar todas essas coisas”, como muitas outras revistas fazem.

13

Cristina Buarque

E ainda falando um pouco sobre sua biografia profissional... Quando o senhor começou a lecionar na NYU?

Russell Hardin

Creio que em 1993 ou por volta disso.

Cristina Buarque

E como foi seu caminho até a NYU?

Russell Hardin

Eu havia ensinado por 13 anos na Universidade de Chicago, e havia lecionado por um breve período antes disso na Universidade de Maryland e em Columbia.

Quando fui para a Universidade de Chicago acabei ficando lá por muito tempo. Eu realmente adorava, era um excelente lugar. Era a instituição acadêmica ideal, na qual ninguém deixava você se safar de nada. Se você fazia um argumento e ele não era bom, alguém iria apontar isso. Então, era um ótimo lugar para se estar. Aprendi mais com isso do que com minha própria leitura ou educação.

Depois disso passei um período breve em Stanford e depois fiquei simultaneamente em Stanford e Chicago. Depois vim para a NYU e fiquei simultaneamente em Stanford e na NYU por um tempo, até que finalmente me desliguei de Stanford.

Fernando Lattman-Weltman

E como o senhor veio para a NYU?

Russell Hardin

Fui convidado a vir para cá por alguém que foi designado por um comitê de busca com o objetivo de encontrar alguém para ser professor titular de Política (*Chair of Politics*) aqui, porque o departamento passava por uma maré ruim, era um departamento terrível. O Conselho Nacional de Pesquisa (*National Research Council*) divulga um ranking dos departamentos em Universidades, e eles rankeiam primeiro as melhores 60 universidades. Se o seu departamento está entre as 60 melhores, ele é rankeado; se não ele fica de fora. Nós estávamos na 60ª posição.

Fernando Lattman-Weltman

Em 1993?

Russell Hardin

Não, alguns anos antes disso, quando esse estudo foi feito. Mas provavelmente ainda em 1993. E então eu fui convidado a vir para cá e me pediram para conversar com professores, chefes de departamento e assim em diante. E eu pensei “Ah não, não há necessidade de fazer isso, não acho que me mudaria, estou muito feliz em Chicago...”. A

pessoa que me havia feito o convite era o Farhad Kazemi, que é um homem realmente maravilhoso. Naquele ano eu era detentor de uma bolsa de pesquisa em Nova York, na Fundação Russel Sage – e então o Farhad disse: “É perto, é só um passeiozinho de metrô!” Então aceitei, e acabei de fato gostando da idéia.

14

Cristina Buarque

E o senhor achava que seu perfil intelectual se adequava bem ao departamento?

Russell Hardin

Bem, o departamento praticamente não existia. Havia algumas pessoas que eram muito boas. Mas somente algumas e teoricamente deveria haver pelo menos 25 muito boas, mas talvez houvesse 5. Qualquer um que chegasse com a missão de contratar pessoas novas e formar um departamento teria achado isso interessante. E seria eu o responsável pela contratação de pessoal e eu certamente iria gostar delas. (...) Mas era uma situação incomum, porque a NYU era historicamente reconhecida como um lugar forte, inclusive em ciência política, mas naquele momento já não era mais. Visto de dentro a situação era bem triste. Dava vontade de fazer alguma coisa para melhorar a situação.

Fernando Lattman-Weltman

E como foi a tarefa de colocar o departamento nos trilhos? Era apenas um problema de pessoal?

Russell Hardin

Sim, era. Tivemos que recrutar muita gente. Então, no meu primeiro ano recrutei seis pessoas, e o Reitor disse que era demais. Mas ele me deixou mesmo assim, e no seguinte foi a mesma coisa. E depois disso já era um lugar diferente, e iria se tornar ainda melhor com o passar do tempo. Não era uma coisa incomum de se fazer, era feito em todo tipo de departamento que passava por maus momentos e tinha que ser ressuscitado. O departamento da NYU em determinado momento no passado tinha sido bastante forte em política comparada, então havia nomes reconhecidos trabalhando com política comparada, mas não muito mais que isso.

Fernando Lattman-Weltman

E havia uma área em particular com a qual o senhor estivesse preocupado, que o senhor precisasse [reforçar] ou o senhor contratava as pessoas pelos seus currículos?

Russell Hardin

Sim, eu achava que nós devíamos estar contratando pessoas que fossem analiticamente bem afiadas, que pudessem lidar bem com todas essas coisas, mas além disso nada mais importava tanto.

Cristina Buarque

Qual o senhor considera ser a relevância da aquiescência na democracia contemporânea? E em que aspecto a sua teoria da aquiescência difere das teorias sociológicas clássicas sobre comportamento político?

Russell Hardin

Ah, muito bom. Sim, acho que de fato a aquiescência é o fio condutor, a principal história a ser contada. Pois bem, se você olhar para o que acontece em ano eleitoral, 40% das

peças não vai votar, elas são aquiescentes, o que quer que aconteça com a votação do restante das peças os governa, e elas não contestam. Eles não fazem nada pra mudar o que acontece, apenas convivem com isso.

Na época em que a constituição americana foi escrita havia todas aquelas maravilhosas colunas de jornal escritas por pessoas com nomes engraçados como Brutus e outros assim. Eles falavam sobre o que era necessário para uma constituição funcionar, e tanto Madison como Brutus disseram que é necessário aquiescência. Você elege o governo e depois sai do caminho e os deixa tomar as rédeas, e isto não é errado, basicamente. Onde você elege o governo e depois continua havendo muito tumulto e discordância em relação a ele e assim por diante, isto é geralmente uma coisa negativa, isto em geral vai querer dizer que na realidade você não tem bons programas adotados pelo governo. Então a aquiescência é realmente o ponto fundamental. É uma coisa que é muito difícil de medir, de mostrar, e assim em diante.

Algumas das leituras que fizemos naquele curso, do Stimson (em *Tides of Consent*) e outros, são simplesmente sobre isto, sobre aquiescência e como ela funciona. Eu acho que, quando eu e você andamos por aí afora, nós aquiescemos a muitas coisas, no curso de apenas alguns minutos caminhando ao longo da calçada. Nós aquiescemos a conceder direito de passagem inquestionável aos carros por onde eles passam, porque não vamos brigar com um carro. Muitas outras coisas são assim na vida. Charles Lindblom, ou Ed Linblom, como ele chama a si mesmo, escreveu um livro no qual a principal estorinha que ele conta para mostrar que direção ele pretende tomar com o livro era “o que acontece quando você caminha pela 5ª Avenida em Nova York? Você observa todas aquelas pessoas e elas estão indo para todas as direções e você pensa que elas irão de encontro umas às outras, mas isto nunca acontece. Elas evoluem normalmente através daquela bagunça e de alguma forma saem ilesas do outro lado”. E acho que este é um insight bom e correto, apesar de não ter sido muito utilizado, pouquíssimas pessoas escreveram sobre isto. É difícil fazer análise de dados sobre isto, então é muito difícil provar o ponto. Lindblom estava à frente de seu tempo.

Cristina Buarque

O senhor poderia explorar um pouco a distinção entre aquiescência e consentimento?

Russell Hardin

Sim, consentimento na verdade, eu acho, é algo ativo. Algo como “eu consinto à venda desta casa ou deste carro ou seja o que for”, e eu assino meu nome provando que consenti. Eu não preciso dar consentimento à administração do governo pelo partido vencedor nas eleições. Ele vai fazer as coisas quer eu consinta ou não. Então consentimento na verdade é uma preocupação bastante ativa sendo que outras coisas – a aquiescência e assim por diante – são na verdade termos passivos.

Você provavelmente se lembra do livro de Berle e Means (*The Modern Corporation and Private Property*) em que eles estão extremadamente preocupados com a diferença entre posse ativa e passiva. A posse ativa é concebida do modo costumeiro: você possui uma coisa, você pode fazer o que quiser com ela. Hoje em dia exercemos uma posse que é quase inteiramente passiva. Você nem mesmo sabe quantas ações existem, você não sabe o que a empresa está fazendo nem nada disso. Você só recebe um cheque da empresa de vez em quando. Ou se você está re-investindo suas economias através de uma destas empresas, você nem chega a receber um cheque, apenas uma pequena nota dizendo

que eles re-investiram uma certa quantia. Grosso modo a história do que acontece na Economia se resume a isso. E também creio que o mesmo acontece na Política. Talvez não de modo imediatamente aparente, porque não há nada remotamente parecido com a grande quantidade de dinheiro que circula no mundo econômico.

16

Fernando Lattman-Weltman

O senhor acredita que esta concepção madisoniana de aquiescência ainda é popular atualmente, mesmo entre cientistas políticos?

Russell Hardin

Não seria, você está certo.

Fernando Lattman-Weltman

Por que a participação é tão valorizada?

Russell Hardin

Há duas questões diferentes. A primeira é o que está acontecendo nos Estados Unidos. Estão tentando dificultar o voto para determinados grupos sociais: negros, estudantes, pessoas idosas. De qualquer ponto de vista, isso tem que ser considerado errado. É democraticamente prejudicial. Deveria-se tornar o voto mais fácil, e não mais difícil.

Mas, ao mesmo tempo, existem muitas pessoas que simplesmente não votam. E não há muito o que fazer em relação a isso. Acho que as pessoas que tentam convencê-las a votar estão basicamente erradas. Está errado. Se elas estão sendo educadas sobre o assunto, elas irão votar. Mas se não estão, dizer para elas votarem é uma coisa muito estranha de se fazer. Mas é algo que se faz, um pouco. Mas no Brasil, e em muitos países, a taxa de comparecimento às urnas é muito mais alta do que nos Estados Unidos.

Fernando Lattman-Weltman

Sim, mas está caindo.

Russell Hardin

Sim, está caindo, está caindo por toda parte.

Fernando Lattman-Weltman

É quase compulsório... [no Brasil]

Russell Hardin

Sim. De quanto é a multa se você não vota?

Fernando Lattman-Weltman

Dois ou três dólares.

Russell Hardin

Quanto?

Cristina Buarque

Três dólares. Dois ou três dólares.

Russell Hardin

17

E isso fica registrado e alguma forma? Que você não votou naquele ano?

Cristina Buarque

Sim

Russell Hardin

Nos Estados Unidos acontece assim: uma pessoa se candidata para um cargo eletivo, e alguém procura lá atrás e descobre se esta pessoa votou em eleições recentes. Se não votou, vai ter dificuldade para se eleger. É sinal de que ela não é tão séria, não se importou o bastante. Eu não sei se esta é uma medida precisa do quanto a pessoa não é séria, mas ao menos é uma medida parcial disto. Então não votar pode ser um desastre para você e sua carreira política.

Cristina Buarque

Ok, bem, no livro que lemos, no curso, o senhor apresentou o liberalismo, o constitucionalismo, e a democracia² como teorias de vantagem mútua.

Russell Hardin

Sim.

Cristina Buarque

Qual é o papel da história, da cultura e da moralidade nessas teorias, se é que possuem alguma?

Russell Hardin

Ok. Em primeiro lugar, para mim, o papel, ou papéis, que considero haver não são sistemáticos. De modo que você poderia olhar para um lugar e ver algo diferente do que você veria em outro lugar, sendo que estes dois lugares poderiam parecer praticamente idênticos considerando outros aspectos relevantes. Então não há nada sistemático, alguns lugares são simplesmente mais eficazes nestas coisas. Então se você tivesse vindo a Nova York nos anos 1960 e observado o que acontecia no dia de votação, havia uma taxa de comparecimento bastante alta. Mais alta do que para os Estados Unidos como um todo. Se você fosse a Filadélfia ou a Iowa City você observaria um comparecimento de quase 100%. Isso ocorre em parte porque as pessoas incentivam uma as outras a irem votar, e se você não vota, você sabe que eu lembrarei disso e isto não é muito bom. Então todos nós votamos. Todos nós somos incentivados a votar em um lugar como a Filadélfia ou Iowa City. Boa parte da diferença em relação a Nova Iorque, onde o comparecimento é mais baixo, perto da média nacional, é porque é mais difícil votar em Nova Iorque. De fato, eu estava aqui, na Fundação Russell Sage, no ano em que o Bill Clinton foi eleito presidente. Durante um almoço na Fundação perguntei se alguém mais tinha ido a sua seção eleitoral e descoberto que ela estava fechada, que havia sido transferida para outra localização. E três pessoas – devia haver umas trinta pessoas no almoço – haviam passado por isso. E duas disseram que provavelmente iriam votar naquela noite, depois que saíssem do trabalho, e uma disse que não iria. Não fazia absolutamente nenhuma diferença, porque é Nova Iorque, e você sabe que os democratas vão vencer de lavada, a proporção é de dois para um. Eles não vencem em todo lugar, não vencem no Upper East Side, e não vencem em partes do Village e assim por diante, mas eles vencem na cidade como um todo, muito claramente. Assim, convencer alguém a votar em Nova Iorque não

faz muito sentido. Já tem gente suficiente votando. Exceto se você acha que é uma boa oportunidade de aprender e de se engajar positivamente na política.

18

Fernando Lattman-Weltman

Então o senhor acha que estas variáveis como o histórico, o cultural, e o moral podem de alguma forma ter um papel dependente?

Russell Hardin

Sim, estas variáveis desempenham papéis de verdade em alguns casos. A moralidade, na verdade, seria importante se fosse contratual. Portanto, nesse caso, eu teria entrado em acordo com você para que fizéssemos determinada coisa. Dali em diante eu teria um dever moral de cumprir esta coisa que combinamos. Se não é de fato contratual, se um contrato não é o modelo correto, então a moralidade tem um papel muito menor.

Minha mãe era uma destas pessoas que achava que era simplesmente errado não votar. Ela nunca deixou de votar, até o fim de sua vida. Ela votou sempre que teve a oportunidade. E há muitas pessoas como ela por aí, para quem é uma obrigação moral consigo mesmo, com sua família, sua comunidade, e assim por diante, ir votar. E isso independentemente de como os outros vão votar. Então [essa pessoa] diria: “você deve votar mesmo que eu saiba que você vá votar de maneira diferente da que eu votaria. Eu apoiaria o seu voto mesmo sabendo que ele fosse contra os meus interesses”. Se você encontra pessoas com esse tipo de visão, você acharia que se trata de um posicionamento moral muito forte. Ele pode ser resultado de instituições que formam nossa moralidade. A Igreja e outras coisas como esportes e se acostumar a ser completamente justo e [crer que] se você perde, você perde, se você ganha, você ganha. O comportamento é o mesmo de ambos os lados.

Fernando Lattman-Weltman

Então, por que as pessoas votam sem motivo? (risos)

Russell Hardin

Esta é uma pergunta muito boa. Tem um sociólogo, um psicólogo social, chamado Haidt (Jonathan Haidt), que tem trabalhado no assunto faz alguns anos. Ele acaba de publicar um livro sobre como você e eu podemos discordar fortemente um do outro mas ainda assim sermos capazes de cooperar e assim em diante. A pesquisa dele é diferente de outras pesquisas sobre isso, eu acho que ele provavelmente conseguiu acertar um pedacinho, mas isso também vale para muitas dessas outras pessoas. A explicação para você pode ser diferente da explicação para mim. De modo que estar disposto a dedicar bastante esforço para votar mesmo sabendo que não faz diferença, é algo que não se aplicaria para mim. Você, poderia, me criticar por “não ser moral” porque não fui votar e eu argumentaria de volta dizendo que não faz qualquer diferença, que o que te persuade não deve me persuadir, mas isso acaba acontecendo. E eu acho que vamos eventualmente aprender muito mais sobre isso. Qual é exatamente a estrutura de incentivo que o faz ir, ativamente, votar em um dia particular. Uma das respostas para isso é que o custo é bem pequeno.

Eu vivi tanto em Filadélfia quanto em Chicago, três anos em Filadélfia e mais de uma década em Chicago. Em ambas cidades a taxa de comparecimento eleitoral era muito alta, em Filadélfia ultrapassava 90% – ficava em torno de 93%. E isto porque, no meu caminho para casa – e o mesmo era verdade para as pessoas de toda a cidade – eu passava por duas

seções eleitorais na minha vizinhança. E se não agisse, entrasse, e votasse entraria na lista de quem faz parte do grupo, e de quem votou e quem não votou. Eles iriam até a sua porta e diriam que você deveria votar, e você diria “ok, estarei lá em alguns minutos”, e se você não fosse, eles viriam e bateriam de novo! Você não vai conseguir jantar em paz até ir votar e acabar com aquilo.

19

Cristina Buarque

Então, o senhor diria que há uma sanção moral para aqueles que não votam?

Russell Hardin

Para algumas pessoas ela provavelmente existe, e, para outras, provavelmente é apenas um incômodo. “Eu vou ter que fazer isso senão não consigo comer meu jantar enquanto ainda está quente”, e isto é realmente interessante.

Um maravilhoso colega que tive na Universidade da Pensilvânia, onde lecionei pelos primeiros anos, Ed Banfield, disse que é realmente difícil convencer algumas pessoas de que não é de seu interesse ir votar. O voto não irá melhorar suas vidas nem um pouco se elas forem votar, porque o lado delas é como elas vão ganhar ou perder. Não importa o que acontece com o voto delas. E as pessoas ficavam irritadíssimas com ele, e ele sorria, assistindo a raiva brotando. Eu de alguma forma concordava com ele. Acho que é provavelmente uma boa coisa para a comunidade da qual você faz parte que você vá e vote, e o fato de que nós poderemos não eleger alguém – podemos perder – não é a única coisa que importa.

Fernando Lattman-Weltman

E como podemos explicar fenômenos como os “conservadores americanos divididos” para utilizar a expressão de Stimson³?

Russell Hardin

Sim, isto é interessante, acho que a questão aqui é essencialmente a ignorância, e como é difícil ter um maior conhecimento do que está acontecendo. Então, quando Stimson entrevista estas pessoas, elas imediatamente se identificam como conservadoras. E, aparentemente, na visão delas, trata-se de uma espécie de título honorável, ao passo que liberal não é; porque isto acontece nós não sabemos. E então depois disso elas são questionadas em relação ao que pensam sobre seguridade social, Medicare, e todas estas coisas, e elas adotam o posicionamento liberal em relação a todos esses programas. Logo elas são liberais no que tange à ação, mas conservadoras quanto à auto-imagem. Isto é realmente estranho, penso. A educação tem sido desastrosamente pobre se essas pessoas saem [do sistema educacional] sem saber mais que isso sobre elas mesmas. Mas há uma razão para isso: é muito difícil se tornar bem-educado a respeito destas coisas. Logo, o fato das pessoas não serem não é assim tão surpreendente, e provavelmente não é algo ruim, apenas a realidade.

Cristina Buarque

O senhor poderia talvez comentar um pouco mais sobre este tópico, e sobre estas relações entre política e conhecimento, porque um de seus livros recentes, se não estou errada, é intitulado “A Economia do Conhecimento Comum” [“The Economics of Ordinary Knowledge”]. Então, o senhor poderia falar mais um pouco sobre o que é conhecimento comum?

Russell Hardin

20

Você e eu podemos falar sobre a mesma coisa mas ter conhecimentos distintos sobre ela. Você pensa que os democratas fizeram tal coisa, e eu na verdade acho que eles não fizeram esta coisa, então nossas bases de conhecimento não são muito boas, e se você de fato entrevista pessoas nos Estados Unidos – provavelmente isso é verdade também no Brasil e em muitos outros lugares – se você entrevista pessoas e pergunta a elas o que elas fizeram e por quê, você obtém respostas muito descuidadas.

Primeiro, elas comumente deturpam o que fizeram. Mas não é uma deturpação, é que elas não se lembram mesmo, porque quando elas fizeram o que fizeram, elas o fizeram tentando passar por essa coisa toda sem saber exatamente qual era a resposta correta. E, depois, elas não conseguem lembrar que resposta deram. É uma bagunça e provavelmente não vai melhorar nunca.

O nível de conhecimento que você ou eu temos sobre algumas coisas é realmente um obstáculo. É difícil saber muito sobre isso. Então, quando todas aquelas pessoas nas primárias republicanas disseram que acreditavam que o mundo foi criado há seis mil anos atrás e todas essas coisas não podiam realmente acreditar em tudo aquilo. Se elas ao menos pensassem um pouco mais. Mas não o fazem – e isso é muito estranho. Isto se tornou um critério para ser aceito como um bom republicano, você tem que ser capaz de dizer essas bobagens.

Dias atrás vi uma breve entrevista com o Newt Gingrich, que se diz um desses fanáticos religiosos, e ele disse que estava de fato aliviado que a fase de campanha chegara ao fim porque agora ele poderia ir a zoológicos, e ver dinossauros! Dinossauros??!! (risos). E esta é uma pessoa que não acredita em evolução??!! Isto é simplesmente assombroso!

Acho, na verdade, que ele é um mentiroso. Ele não acredita nas coisas que eles falam, e acho que o Mitt Romney é um mentiroso – ele não acredita nesse tipo de coisa. Mas é importante que eles mantenham estas posições.

Fernando Lattman-Weltman

E quanto ao caso daqueles conservadores ideológicos que votam contra seus próprios interesses, por exemplo, conservadores pobres que votam contra subsídios para alimentação [os chamados *food stamps*] e coisas assim. Como o senhor enxerga isso?

Russell Hardin

Sim. Vários estudos tentam explicar isso. Muitas explicações existem; nenhuma delas é “a” explicação. Cada uma é um pedacinho. Dizer pedaços soa um pouco forçado. É possível dizer que você tem determinados pontos de vista no contexto de uma conversa com seus vizinhos e colegas de trabalho e assim em diante, você fofoca sobre as coisas, e naquele momento você tem aquele ponto de vista. Mas quando você entra na cabine eleitoral e está votando sobre todas essas coisas, você pode não se lembrar das discussões que teve por aí, porque elas ocorreram ao longo de muitos, muitos meses. As primárias americanas são um desastre, elas deram às pessoas um período muito longo, usado para criar argumentos péssimos.

Fernando Lattman-Weltman

E como o senhor avalia, em retrospectiva, a cena eleitoral e as perspectivas futuras para a democracia na América? O senhor está preocupado?

Russell Hardin

21

Sim, eu tenho escrito sobre o futuro, e acho que é realmente um grande problema. Eu acho que o que está acontecendo se parece um pouco com aquele livro de Berle e Means. O que está ocorrendo é que a nação está se tornando corporativista, no sentido de que ela está organizada como uma corporação. Assim, não importa no que eu e você acreditamos, a corporação é bem-organizada, e acaba conseguindo fazer valer certas coisas. E uma corporação provavelmente possuirá uma apreciação mais inteligente sobre quais são as questões e como devem agir. Isto não quer dizer que vai acontecer, mas é o mais provável. Mas é um pensamento terrível, não é? Porque significa que a democracia *per se* propriamente dita acabou.

Eu realmente não sei o que o futuro guarda. Penso que será pobre, o futuro será muito ruim. E é triste que aqueles caras nas primárias republicanas deste ano tornaram tudo ainda muito pior. O Romney é simplesmente um mentiroso cotumaz, um péssimo mentiroso. Está disposto a mentir sobre qualquer assunto. Se a mentira lhe der uma posição que agrada o público ele o fará. Ele é capaz de mentir para os dois lados da mesma questão (risos). É fácil identificar sua desonestidade, mas não faz diferença, porque as pessoas não são muito consistentes e não tentam muito entender o que está acontecendo. E aí estamos de volta àquele assunto que você colocou, sobre o custo, a economia de votar, e participar. O custo é realmente alto. O custo de se estar em uma reunião não é tão alto. Algumas horas por semana ou algo assim... mas o custo de estar suficientemente a par do que está acontecendo para começar de fato a interpretar – isto é difícil.

Fernando Lattman-Weltman

Então o senhor acha que realmente não importa quem vencerá as eleições?

Russell Hardin

Não, acho que neste caso de fato importa. Ou seja, os eleitores podem não estar agindo contra isso por suas razões, as razões que você mencionou há pouco, mas nós provavelmente iremos esperar que, se o Romney vencer, as políticas serão diferentes daquelas que teríamos se o Obama vencesse. E você pode provavelmente dizer de ambos, eles são espertos o suficiente para saber o que estão fazendo na maior parte do tempo, mas você ainda fica com a pulga atrás da orelha quando alguém como o Romney diz que acredita que o aquecimento global é uma mentira. Uma mentira?!! Isto é simplesmente absurdo, porque existem pessoas que dedicaram toda uma vida de pesquisa ao assunto.

Fernando Lattman-Weltman

Mas deixe-me ser um pouco franco. E se Mitt Romney está realmente mentindo para o eleitorado republicano conservador, especialmente com o objetivo de garantir sua candidatura, mas quando chegar de fato ao poder não for tão radical?

Russell Hardin

É possível. Não sei se é muito provável. Ele terá que encarar a re-eleição quatro anos depois, então nos primeiros quatro ele vai ter que continuar com pelo menos algumas de suas mentiras básicas, ou não vai ter como conseguir os quatro anos adicionais.

Fernando Lattman-Weltman

Eu gostaria de explorar um pouco mais o tema da constituição americana. Como o senhor percebe o funcionamento do sistema americano? Por exemplo, o problema dos superpacs e a relação entre o presidente e o congresso? O senhor está preocupado com isso?

Russell Hardin

22

Os *superpacs*, creio eu, são um completo desastre porque todo o dinheiro que puder ser gasto será gasto. Está acontecendo por toda parte e não tem por quê. Na verdade, o *Chief Justice* [ministro da corte superior] Roberts refletiu sobre a questão e decidiu que “não, eles não deveriam ter feito isso”. Então ele convocou uma re-convenção da suprema corte, algo praticamente inédito em toda a história dos Estados Unidos. Eles reapreciaram e votaram efetivamente permitindo os níveis vultuosos de gastos descontrolados, e ao fazer isso, eles adicionaram uma pequena cláusula que tornou os *superpacs* possíveis. Sem aquela cláusula não haveria [superpacs]. Foi um dos ministros que escreveu esta coisinha e colocou lá, e é um desastre. E muitas pessoas que conhecem Roberts dizem que ele se sente envergonhado de ter feito isso, e que ele queria que houvesse uma maneira fácil de desfazer tudo já que foi tudo tão desastroso. Eu acho que provavelmente não existe uma maneira fácil de desfazer isso a não ser que haja uma emenda constitucional, e isto é muito difícil, por causa dos enormes gastos para bloquear a mudança, e a lei, através de uma emenda constitucional.

Fernando Lattman-Weltman

E há várias pessoas falando também sobre isso. O senhor acha que a política nos Estados Unidos se tornou realmente mais polarizada do que era antigamente durante as “guerras culturais”?

Russell Hardin

Houve muitas ocasiões no passado em que [a política] era bastante polarizada. Tem a polarização entre 1850 e a guerra civil em 1860, que foi horrenda. Muito ódio. Havia tanto ódio quanto o que vimos vindo de Romney e Newt Gingrich. A forma como administraram a campanha foi destrutiva e eles estavam dispostos a fazer isto porque achavam que os ajudaria a vencer. Eu acho que isto deixou a campanha feia. E algumas das pessoas que perderam naquele sistema estão realmente ressentidas por terem perdido. O [pré-candidato republicano] Rick Santorum está claramente ressentido. Ele teria perdido de qualquer forma, eu acho, seja de forma mais direta ou da maneira que foi. Porém, acho que quase todos no momento estão preocupados com a *Citizens United* ⁴, aquela decisão, o que isso vai fazer com o processo político americano. Vai introduzir uma enorme quantidade de dinheiro. E quando for disponibilizado será gasto da forma que foi gasto contra Gingrich por Mitt Romney. Romney basicamente tinha uma enxurrada de anúncios atacando o Gingrich quase em tempo integral. E a verdade que muitos daqueles ataques eram verdadeiros, mas nem todos, e a quantidade de dinheiro gasta foi horrenda. Gingrich, que havia sido apontado como líder nas pesquisas antes daquela primária, perdeu de forma significativa naquela primária porque o Romney havia distorcido tudo, muito. E então, claro, esta foi a primária em que na verdade foi Santorum quem venceu. Mas eles cometeram um erro na contagem dos votos de uma parte de Iowa que apontou que ele tinha perdido, e foi necessário fazer uma mudança. Se os votos tivessem sido relatados corretamente, a campanha teria tomado um rumo diferente dali em diante e Santorum teria se saído melhor. Eu acho que o Santorum teria sido um desastre, mas ele não teria sido um desastre maior que o Romney, talvez. A não ser que a questão que você colocou antes acabasse sendo verdade.

Cristina Buarque

Vamos ao Brasil... O senhor nos disse que visitou o Brasil alguns anos atrás...

Russell Hardin

23

Sim, duas vezes.

Cristina Buarque

O que o senhor teria a dizer sobre o interesse que o país tem despertado ultimamente? O senhor vê alguma relação entre esse interesse mais recente no país e os acontecimentos mais recentes, especialmente relacionados às suas instituições políticas?

Russell Hardin

Bem, existem várias diferenças, e algumas das diferenças na forma que os sistemas são projetados vêm do fato de que os Estados Unidos as criaram primeiro e não tinham nenhuma experiência para olhar e fazer correções no que estavam fazendo. Portanto, existem algumas coisas realmente burras na americana. Uma delas é a regra de seleção de presidentes pelo colégio eleitoral, uma coisa realmente burra. Mas na época fazia sentido para muitas pessoas porque elas pensavam que era como ter uma espécie de intrusão platônica entre o que os eleitores fazem e o que o governo faz; não funcionava assim, e na verdade tem sido um desastre. É mal planejado, de modo a permitir que o candidato minoritário possa se tornar presidente. Mais recentemente, Al Gore deveria ter sido presidente em 2001, mas não foi. Tal resultado é extremamente contestável. No caso, a Suprema Corte tornou Bush presidente. Uma série de coisas – políticas, acabaram sendo muito diferentes com Bush do que teriam sido com Gore, políticas cruciais. E qualquer Nação escrevendo uma constituição hoje não irá cometer estes erros. Podem existir novos erros a serem cometidos, mas estes erros velhos não serão mais cometidos. Isto proveavelmente faz uma grande diferença, você vê coisas funcionando de uma maneira muito melhor. E acho que o Brasil tem algumas coisas um pouco experimentais que podem fazer a diferença em muitos países, se esses outros países utilizarem esses mecanismos.

Cristina Buarque

Mecanismos de que tipo?

Russell Hardin

Um deles é o fato de vocês terem uma temporada eleitoral mais curta, isto é muito importante. Nos Estados Unidos a temporada se prolonga por um ano. Assim, a cada quatro anos um é desperdiçado naquela coisa – um verdadeiro desastre. Ao passo que no sistema inglês, ou francês, ou brasileiro, resolvem-se as coisas em um período de tempo curto. De várias maneiras esses três sistemas são bastante diferentes, mas nós poderíamos aprender muito com os três se fôssemos redigir uma constituição hoje. Iríamos querer olhar para o Brasil, iríamos querer olhar para qualquer país grande para ver como eles fizeram o sistema funcionar. E o Brasil, a França e a Inglaterra, estariam entre esses países para os quais olharíamos.

Provavelmente não optariamos pelo sistema inglês; ele é anterior mesmo à constituição Americana, e possui um erro ainda mais burro do que a constituição americana, na medida em que eles têm esses distritos nos quais não há ninguém se candidatando para eleição porque ninguém morá nele. O distrito é esta ou aquela instituição e eles então acabam sendo chamados de “distritos eleitorais podres” [*rotten boroughs*], porque não há ninguém neles, mas mesmo assim elegem pessoas para o Parlamento. Então, se tem gente sendo eleita por esses distritos onde não há ninguém, quer dizer que o sistema tem algo de realmente estranho.

Existem falhas neste sistema e falhas no americano. Não sei quais seriam as falhas mais significativas na constituição brasileira; ou talvez conheça uma. Muitas constituições possuem uma cláusula de emergência sobre como agir em caso de emergência. Olhando ao redor do mundo percebemos que em todas as emergências foram seguidos os passos dessa cláusula, o que é um desastre. Na verdade, isso tem possibilitado e causado emergências, ao invés de resolvê-las. Os Estados Unidos tiveram uma emergência nos anos 1930. Se tal cláusula existesse na época, as coisas teriam ido pelo caminho de Hitler. Talvez não necessariamente Hitler, mas teriam ido num caminho parecido, com a tomada do poder e teria sido um desastre. Como a Argentina fez e o Brasil, acho, fez uma vez, não é? Por volta de 1980 quando os militares entraram...

24

Fernando Lattman-Weltman

Sim, eles entraram em 1964. Havia uma cláusula de emergência, mas eles teriam entrado de qualquer forma.

Russell Hardin

Pode ser. Em lugares onde o exército é estabelecido e livre para fazer isso, o controle civil das forças militares é algo fundamentalmente importante. E por qualquer que seja a razão, a maioria da América Latina não tem isso. Acho que a Costa Rica em algum sentido tem, mas lá não tem exército. Não é exatamente a mesma coisa. Então se você pudesse eliminar coisas assim das constituições, elas talvez teriam muito mais sucesso. Vocês sabem de alguma coisa que considerem que esteja errada com a constituição Brasileira, algo que ela perceba de maneira falha, que poderia ser melhor?

Cristina Buarque

Eu acho que desde 1988 temos uma constituição bastante exemplar, e a principal questão agora é como adequar a realidade à constituição.

Fernando Lattman-Weltman

Eu acho que ela é um pouco extensa demais. Acho que ela regula coisas que deveriam ser deixadas para a legislação ordinária, especialmente coisas que são relacionadas à políticas públicas; eu não acho que a constituição deve gastar muito tempo com políticas públicas (Prof. Hardin: Eu concordo.), mas o outro lado da história é que às vezes isto dá a alguns setores algum tipo de estabilidade e segurança, de saber que seus interesses estão garantidos na constituição, mas de qualquer forma, não é tão difícil modificar a constituição. Desde que foi promulgada já foi modificada várias vezes, especialmente no governo do Fernando Henrique. Até o mandato presidencial, foi modificado, pela primeira vez a reeleição foi permitida, algo inédito em toda a história da República Brasileira, nem mesmo no regime militar. Claro, Getúlio Vargas na década de 1930 foi outra história. Mas na verdade eu acho que o principal problema é o tamanho da constituição, existem muitas coisas que não deveriam estar lá, deveriam ser deixadas para a legislação ordinária.

Russell Hardin

Mas o caso extremo disto é a constituição Indiana. Tudo está lá. E é um desastre. A constituição mexicana é similar mas por um motivo diferente. Durante o período em que o PRI tinha a maioria esmagadora, todo item de legislação era aprovado com força constitucional. Era como uma emenda constitucional, então a constituição cresceu e cresceu, com disposições sobre políticas públicas, o que é ridículo.

Fernando Lattman-Weltman

25

É, isso não é bom. É também um pouco não-democrático, porque você conserta coisas, e no governo seguinte, as maiorias seguintes vão pensar “não, nós vamos mudar isso porque o mundo está mudando, e nós temos que mudar isso...”

Russell Hardin

E pode ser mais difícil mudar nessa direção.

Fernando Lattman-Weltman

Sim. Mas eu acho que existe outra maneira de fazer isso, porque a maior parte [das disposições constitucionais] requer, de fato, legislação complementar que não passa pelo mesmo processo [de emenda constitucional] algumas vezes isso dá uma espécie de margem ao governo, ou mesmo ao legislativo ou o judiciário para gerenciar isso. Porque na verdade a constituição segue uma espécie de princípio básico, mas como vamos traduzir isso para a prática? Então é um tipo de jogo que não seguimos à risca. Mas requer muito....

Russell Hardin

E todo mundo participa dessa farsa...

Fernando Lattman-Weltman

Sim, e nos momentos bons todo mundo participa da farsa. Nos momentos ruins todo mundo vai brigar, imagino (Prof. Hardin: Sim.) e quando não se chega a um denominador comum fica para o Judiciário decidir.

Russell Hardin

Tem também o caso terrível da Hungria. Você viu o que está acontecendo por lá?

Fernando Lattman-Weltman

Sim.

Russell Hardin

Viktor usou instituições democráticas para criar um governo autocrático. Aquilo é realmente medonho. E seria quase impossível voltar atrás, porque provavelmente nunca vai haver uma maioria de dois terços na outra direção, portanto o partido de Orban pode se perpetuar no poder.

Fernando Lattman-Weltman

O senhor quer dizer o...

Russell Hardin

O governo foi eleito por uma maioria superior a dois terços. Assim obtiveram licença para ir em frente e fazer qualquer coisa. Portanto, revisaram toda a constituição e tornaram uma vitória do lado oposto muito mais difícil.

Fernando Lattman-Weltman

No México ou...?

Russell Hardin

Na Hungria.

Fernando Lattman-Weltman

Ah, na Hungria... Ah, não conheço o caso.

Russell Hardin

É extraordinário! Se você procurar na internet vai encontrar. Mas Viktor Orban, o atual presidente, foi eleito com mais de dois terços, o que é suficiente para fazer emendas à constituição, como ele imediatamente começou a fazer. Como resultado, os outros partidos foram virtualmente criminalizados, ou sendo tratados como se fossem criminosos. Então essa e a experiência egípcia, no momento, são provavelmente os dois casos mais tristes do constitucionalismo moderno.

Fernando Lattman-Weltman

Sim, questões muito complicadas...

Cristina Buarque

Bem, tem algum comentário final que o senhor gostaria de fazer a respeito de alguma parte da nossa conversa?

Russell Hardin

Uma coisa que seria de grande interesse para a maioria das pessoas, provavelmente, é o papel da religião na maioria das constituições.

Os Estados Unidos acabaram simplesmente tendo sorte, porque havia tantas religiões diferentes que não houve chance de nenhuma delas ganhar controle. Contudo, na Bolívia e em vários outros lugares existe uma parte da constituição que diz que, para ser considerado cidadão, você tem que ser católico, você tem que se confessar e assim em diante. Até as pessoas mais intransigentes que querem incluir a religião na constituição dos Estados Unidos reconhecem que saíam perdendo caso isso acontecesse. Então todos eles aquiescem a, literalmente, não ter a religião como parte da constituição.

Cristina Buarque

E como foi a construção política desta não-inclusão da religião na constituição?

Russell Hardin

A parte mais interessante disto foram os argumentos utilizados nas convenções da Pensilvânia e da Virginia pela adoção da constituição. Na Virginia, que é onde Madison estava. A essa altura Thomas Jefferson havia estado fora do país, na França, durante a redação da constituição, e agora estava de volta e era membro do Parlamento da Virgínia. Jefferson e Madison não queriam a inclusão da religião, mas ambos foram muito estratégicos e disseram "sabe, se colocarmos isso lá, esses caras vão tomar conta". Acabaram vendendo de forma bastante direta, significando que o resto do país teria que acompanhar, porque eles não podiam adotar uma constituição que tivesse uma modificação em comparação à adotada em algum lugar antes. Então todo mundo tinha a mesma constituição, a aprovada em 1788. Agora tinham que seguir isso, não tinham escolha. A única escolha era aceitar ou optar não integrar a nação. Foi muito interessante, e ninguém pensou nisso deste forma, exceto Madison, provavelmente. Ele era muito mais rápido estrategicamente do que qualquer outra pessoa. Mas esta é uma pergunta realmente difícil de responder. O que está acontecendo no Egito agora, claro, é que há um

grupo religioso majoritário e eles estão tentando tomar o controle. E você não poderia ter a separação americana entre religião e governança no Egito. Há portanto uma grande diferença entre o caso americano e o egípcio. Uma diferença muito acentuada. Nos Estados Unidos foi fácil excluir a religião; no Egito seria muito difícil ou quase impossível.

27

Fernando Lattman-Weltman

O senhor menciona em seu livro que a democracia pode ser uma boa maneira de lidar com problemas marginais, mas não com os grandes problemas.

Russell Hardin

Sim. Certo. Como o Dahl diz, [a democracia] é boa para manusear o trivial; porém não assuntos centrais como o atual embate entre constitucionalismo e democracia no Egito, e a clivagem entre islamistas intransigentes e secularistas.

Fernando Lattman-Weltman

Sim. O senhor está preocupado com o que as pessoas dizem em relação a uma espécie de guerra cultural na América?

Russell Hardin

Não, ainda não. Pode acontecer, mas até agora não tem acontecido. Na realidade, existem pessoas que provavelmente iriam gostar de ganhar controle, e governar as coisas, mas elas simplesmente não ganharão. Então a pauta deles não importa. Mas isso pode mudar. Eu acho que a verdade é que o nível médio de educação está subindo, mesmo nestes tempos ruins, e isso torna mais difícil a mobilização de pessoas em torno de idéias estúpidas.

Fernando Lattman-Weltman

Sim. E o senhor acha que as instituições políticas Americanas têm algo a ver com a polarização, por exemplo, em torno das discussões sobre reformulação dos distritos eleitorais?

Russell Hardin

Sim. Eu acho que, se houvesse uma eleição direta em nível nacional ao invés de em nível estadual para a presidência, isso diminuiria boa parte dos conflitos que vemos hoje. Parte do problema hoje em dia é que as pessoas sabem que, apenas por causa de seu tamanho, a Pensilvânia vai ficar dividida entre posições do partido democrático e republicano. A Pensilvânia vai ter um grande impacto no resultado das eleições, enquanto Texas ou a Califórnia ou qualquer outro estado assim, não vai ter impacto algum porque seremos ignorados, pois sabemos [quantos votos cada partido terá] no Texas e na Califórnia, e isso não vai mudar.

Fernando Lattman-Weltman

Ok, então a principal questão seria o sistema para eleger o presidente? E não o fato de que o que existe é um sistema bipartidário ou algo assim?

Russell Hardin

Não, o sistema bipartidário é uma consequência quase automática disso, do sistema eleitoral da Inglaterra, assim como dos Estados Unidos, de "*first past the post*" [sistemas de maioria simples]. Você pode ter diferentes sistemas de *run-off* [disputa em segundo

turno]. A Louisiana tem um sistema de *run-off* razoavelmente complicado para garantir que a pessoa que chegue ao cargo seja eleito com a maioria dos votos. Mas isso é apenas possível porque todos os outros candidatos vão sendo eliminados, assim como na França. O primeiro turno na França geralmente não produz um candidato da maioria; isto acontecia nos tempos de de Gaulle, e algumas poucas vezes depois disso, mas não na maior parte do tempo. Portanto, você pode ter mais conflito do que gostaria de ter. Mas talvez seja bom no caso da França. Mas não é bom no caso americano. Porque talvez no sistema francês isso te dá uma chance. Se você for um dos partidos perdedores, como o partido de Marie Le Pen, de chegar mais perto, de talvez ter um impacto. Talvez você de fato consiga influenciar no resultado de outros candidatos, ainda que você mesmo não seja eleito.

28

Fernando Lattman-Weltman

Ok, para mim está...

Cristina Buarque

Ok, então nós devemos lhe agradecer novamente...

Russell Hardin

Eu que agradeço!

Cite esta entrevista

HARDIN, Russell. Entrevista conduzida por Cristina Buarque e Fernando Lattman-Weltman. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF) e do Núcleo de Estudos em Teoria Política (UFRJ). Rio de Janeiro, nº 7, pp. 3 – 4, dezembro 2013. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>.

Notas

1. N.T.: O título do artigo publicado nos anos 1990, na revista *Constitutional Political Economy*, “Contractarianism: Wistful Thinking” faz um trocadilho entre *wistful*, que significa saudosos, ansiosos, e a expressão *wishful thinking*, que denota otimismo, pensamento positivo, conquanto uma realidade se adeque ao pensamento expresso.
2. Nota dos entrevistadores: referência a *Liberalism, Constitutionalism and Democracy*, de autoria do próprio Russell Hardin, editado por Oxford.
3. Nota dos entrevistadores: Segundo a pesquisa de James Stimson (*Tides of consent: how public opinion shapes American politics*, Cambridge University Press, Cambridge, 2004), “conservadores americanos divididos” são aqueles indivíduos que ao serem indagados em pesquisas de opinião sobre suas preferências políticas se identificam sempre como “conservadores” (conservatives) – de acordo com a terminologia ideológica típica norte-americana – mas que, ao mesmo tempo, defendem agendas de políticas públicas defendidas pelos adversários tradicionais dos conservatives: os chamados liberals.

4. Nota dos entrevistadores: Referência ao caso ocorrido em 2010, no qual a Suprema Corte norte-americana decidiu pela inconstitucionalidade de restrições governamentais a gastos de empresas, corporações e sindicatos no financiamento de campanhas publicitárias eleitorais, o que segundo os críticos da decisão, teria favorecido uma ingerência indevida e desleal do poder econômico nas eleições.